

**ARTIGO ORIGINAL**

## OFICINAS DE TEATRO COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DO SERIDÓ POTIGUAR – BRASIL

Lídia Stéfanie Dantas Silva<sup>1</sup>, Fernanda Eloyse Dutra de Souza<sup>2</sup>,  
Paula Renata da Cunha<sup>3</sup>, Dulcian Medeiros de Azevedo<sup>4</sup>

**Destaques:**

- (1) A arte desponta como proposta terapêutica inovadora na saúde mental.
- (2) O teatro contribui no desenvolvimento cognitivo e de habilidades interpessoais.
- (3) Além do efeito terapêutico, o teatro atua na inclusão social.

**RESUMO**

*Objetivo:* identificar a percepção de usuários dos Centros de Atenção Psicossocial acerca de oficinas de teatro em seu tratamento. *Metodologia:* estudo qualitativo. Participaram do estudo 12 usuários pertencentes a grupos de teatro ofertados em dois municípios do Seridó Potiguar. Os dados foram coletados por intermédio de entrevista semiestruturada entre os meses de agosto e outubro de 2019. A análise ocorreu por meio do *software* Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). Neste artigo são apresentadas duas das três categorias construídas a partir dos achados: dimensão do transtorno mental sob a ótica do teatro; e falar e agir livremente: as mudanças de vida após o teatro. *Resultados:* diante da análise, as categorias evocam o papel do teatro na compreensão do transtorno mental, suas contribuições no reconhecimento e manejo dos sintomas, percepção e desenvolvimento de novas habilidades de comunicação e interação social, sendo um meio que produz novas concepções de vida, aliado à luta contra o preconceito e marginalização da saúde mental. *Conclusão:* os usuários participantes do teatro percebem-no como uma terapia válida, exemplificando as transformações ocorridas em sua vida após a participação nas oficinas.

**Palavras-chave:** arteterapia; saúde mental; prática de grupo; serviços de saúde mental.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Mossoró/RN, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6737-2560>

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern. Caicó/RN, Brasil. <https://orcid.org/0009-0001-6743-719X>

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern. Caicó/RN, Brasil. <https://orcid.org/0009-0003-5479-2306>

<sup>4</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern. Caicó/RN, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4323-091X>

## INTRODUÇÃO

Durante décadas o tratamento direcionado às pessoas com transtornos mentais baseou-se na exclusão social, medicalização e práticas como lobotomia, eletroconvulsoterapia e isolamento em solitárias. Movimentos políticos e sociais eclodiram mundialmente, cobrando mudanças no tratamento e concepção da loucura, defendendo a humanização no cuidado prestado, considerando a pessoa um ser holístico e não apenas o portador de uma doença que necessita de uma cura<sup>1,2</sup>.

A Reforma Psiquiátrica, que iniciou com diversas experiências e propostas em tempos e espaços distintos, tem como fundamentação a quebra do estereótipo em torno da loucura, desconstruindo e reafirmando que loucura não se prende nem se exclui do convívio social<sup>3</sup>. O marco da luta antimanicomial no Brasil foi a Lei 10.216 de 2001, reafirmando os preceitos da Reforma Psiquiátrica, objetivando a redução progressiva dos leitos psiquiátricos e barrando a abertura de novos hospitais psiquiátricos. Foi incluída, ainda, a criação de serviços substitutivos ao hospital e de programas para dar suportes àqueles pacientes que se encontravam socialmente desamparados<sup>4</sup>.

A missão dos serviços substitutivos, em que o Centro de Atenção Psicossocial (Caps) é o principal representante, é proporcionar uma nova realidade às pessoas com transtorno mental, garantindo a preservação dos direitos humanos, reabilitação e reinserção social, contemplando a subjetividade do sujeito e a descentralização do tratamento medicamentoso, uma filosofia alinhada ao Sistema Único de Saúde (SUS)<sup>5</sup>, disponibilizando propostas terapêuticas nas dimensões culturais, artísticas, do trabalho e lazer, com o protagonismo do usuário/família<sup>6</sup>.

Considerando a proposta psicossocial, a arte, a cultura e o trabalho operam no romper dos paradigmas psiquiátricos, estimulando a pessoa com transtorno mental a buscar uma nova realidade, afastando-se das margens sociais às quais fora colocado<sup>2</sup>. O movimento artístico-cultural acompanha as ideias reformistas: aquele com transtorno mental passa de um diagnóstico para protagonista, porta-voz de uma causa, uma luta por visibilidade e direitos iguais. Não é apenas uma proposta terapêutica, mas uma forma da criatividade e da expressividade aflorarem, trazendo habilidades cultas para a realidade<sup>7</sup>.

Utilizando a arte de forma terapêutica é possível detectar o inconsciente do indivíduo, aquilo que não foi capaz de ser expresso mediante palavras e, a partir do que foi criado, reconhecer a carga emocional e experiencial de quem se encontra em sofrimento psíquico<sup>8</sup>. A arte é um meio potencial de tornar o ser conhecedor de sua totalidade, completo em sua essência.

Dentre as manifestações artísticas, o teatro ganha espaço como proposta terapêutica no campo da saúde mental, dada sua capacidade de trabalhar as diversas possibilidades do corpo, espaço, raciocínio e improviso. São estabelecidas inúmeras relações entre ator e escritor, ator e personagem, entre os atores e, por fim, com a plateia. Seu papel informativo vai além das palavras do *script*: o ator é o responsável por dar a vida ao texto, introduzindo na interpretação sua leitura crítica e dinâmica da *persona* descrita e do contexto criado<sup>9</sup>.

O Teatro do Oprimido (TO), uma entre as diversas expressões dentro do teatro, é marcado por seu viés político-social, sendo instrumento de reivindicação de direitos, de problematizar e levantar questionamentos acerca das iniquidades existentes, o que se alinha à proposta da Reforma Psiquiátrica. É, portanto, uma proposta com potencialidade terapêutica, sendo necessário, para essa finalidade, ser aplicada por um profissional com experiência em TO<sup>10</sup>. Ao considerar o teatro um dispositivo terapêutico, objetiva-se, neste estudo, identificar a percepção de usuários do Caps acerca de oficinas de teatro em seu tratamento.

## MÉTODO

Pesquisa qualitativa desenvolvida com grupos de teatro – Grupo Amorarte e Grupo Iluminarte – pertencentes aos Caps de dois municípios do Seridó Potiguar, Rio Grande do Norte. A abordagem qualitativa permite a captação dos significados da experiência do teatro pelos participantes dos grupos<sup>11</sup>. Durante o período do estudo o Grupo de teatro “Amorarte” era composto por cinco usuários; já o Grupo “Iluminarte” possuía 12 usuários.

Para participar da pesquisa elegeu-se como critério de inclusão a participação de, ao menos, um mês nas oficinas de teatro, tendo em vista ser o tempo mínimo para adaptação à terapêutica. Foram critérios de exclusão usuários menores de 18 anos e os que apresentassem capacidade cognitiva prejudicada, ou seja, que o impedisse de responder às questões da entrevista, fosse decorrente das medicações em uso ou do diagnóstico de saúde mental.

Após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, 12 usuários estavam elegíveis para participar do estudo. O contato inicial com os usuários foi realizado durante as atividades desenvolvidas pelos grupos. A pesquisadora conversou individualmente com os usuários em sala privativa para apresentação da pesquisa e explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados aconteceu entre os meses de agosto e outubro de 2019 e utilizou, para a obtenção dos dados, uma entrevista semiestruturada criada pelos pesquisadores. As entrevistas aconteceram nos serviços mencionados, aplicadas por uma das pesquisadoras, graduanda em enfermagem na época, que tinha experiência na participação de grupos teatrais. A duração média das entrevistas foi de nove minutos; elas foram gravadas por meio de *smartphone* para posterior transcrição pela própria pesquisadora.

Os dados coletados foram preparados em duas etapas: *a priori* organizaram-se as informações colhidas na caracterização dos participantes da pesquisa de forma descritiva, na planilha software *Microsoft Office Excel 2013*; posteriormente os dados das entrevistas foram transformados em um conjunto de escritos denominado *corpus*, submetido à análise do software gratuito Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), utilizado nas Ciências Humanas e Sociais para analisar estatisticamente conteúdos textuais<sup>12</sup>.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CEP/Uern) em 7 de junho de 2019, parecer nº 3.378.260, respeitando as recomendações da Resolução 466/12<sup>13</sup>. Todos os envolvidos participaram de forma espontânea após esclarecimentos sobre a pesquisa e assinatura do TCLE.

## RESULTADOS

Entre os participantes da pesquisa predominou o sexo feminino (58,3%); o tempo médio de participação nas oficinas foi de 7,5 anos. Quanto à idade, a média foi de 53,8 anos, sendo o mais jovem com 40 e o mais velho 75 anos.

O *corpus* processado no Iramuteq obteve aproveitamento de 82,81%, considerado um número ideal para o uso dos dados gerados pelo *software*, com 212 seguimentos de textos analisados. Cinco classes foram geradas a partir da Classificação Hierárquica Descendente (Figura 1), que representa a disposição das falas e as interações entre elas. A classe 1 correspondeu a 21,7% do *corpus* analisado; a classe 2 a 14,62%; a classe 3 a 21,23%; a classe 4 a 30,19%; e a classe 5 a 12,26%. Conjuntamente, após análise matricial do *corpus* pelo *software*, criou-se uma Análise Fatorial de Correspondência (AFC), resultado do cruzamento entre as palavras e as classes, apresentando a proximidade ou divergências entre as mesmas.

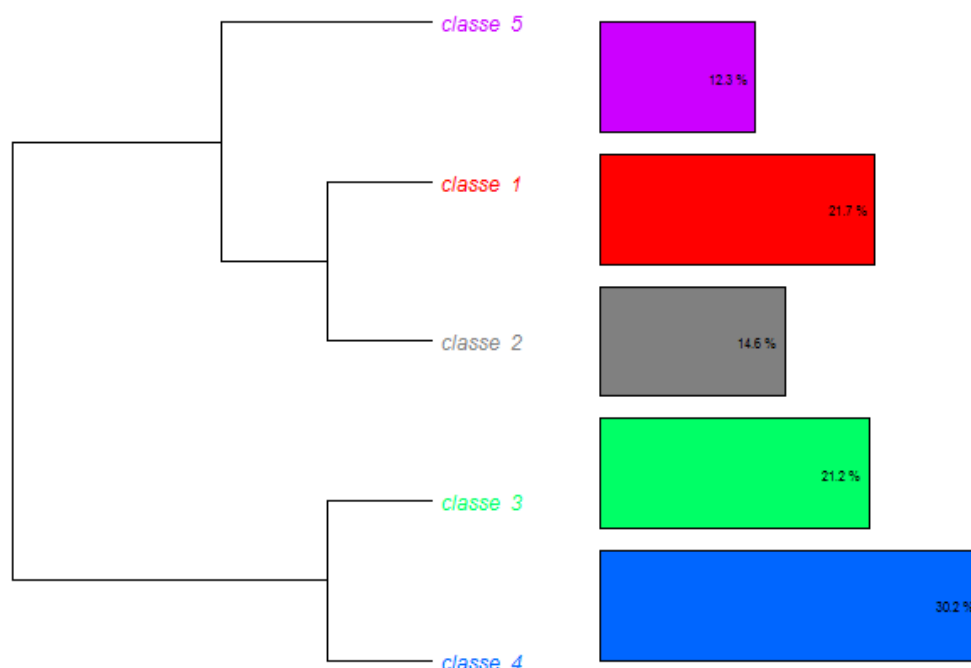


Figura 1 – Classes geradas a partir da Classificação hierárquica descendente (CHD), Caicó/RN, 2019.

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base nas classes apontadas pela Classificação hierárquica descendente (CHD), criaram-se categorias de análise conforme o conteúdo e a interpretação dos segmentos de textos de cada classe (Quadro 1), selecionados a partir do nível de significância da associação das palavras à classe ( $p < 0,05$ ) e com frequência maior que o produto obtido da divisão do número de segmentos de texto (N.O) dividido pelo número de formas distintas (N.F) vezes 2:  $(9073/1556) \times 2 = 11,7^{12}$ . Essa expressão permite selecionar as palavras que mais foram mencionadas nas classes e que possuem significância.

Palavras	Categorias	Classes
Apresentar	Categoria 1 – Vida em atos: a arte de apresentar-se e sua significância	4
Problema Saúde Mental	Categoria 2 – Dimensão do transtorno mental sob a ótica do teatro	3
Timidez Tristeza Mudar	Categoria 3 – Falar e agir livremente: as mudanças de vida após o teatro	5, 2 e 1

Quadro 1 – Sistema categorial a partir da CHD e AFC, Caicó/RN, 2019.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Neste trabalho será apresentado um recorte dos resultados obtidos. Serão discutidos os resultados das categorias 2 e 3, criadas a partir da classe 3 e classes 5, 2 e 1, respectivamente. Para o enriquecimento da discussão as falas dos usuários aqui apresentadas estão *in natura*, como forma de valorização da maneira particular de expressão e interpretação de cada participante.

## DISCUSSÃO

### Dimensão do transtorno mental sob a ótica do teatro

Os usuários relataram que, após ingressarem no grupo de teatro, conseguem ter uma nova perspectiva sobre os seus problemas de saúde mental:

Eu acho que fico melhor, nunca tive alteração de nada, não me alterei, nunca me internei [...] depois que eu entrei aqui melhorei muito (Entrevista 1).

Melhorou. Eu tenho depressão [...] mas o teatro, o tratamento que eu tomo medicamento, faço os tratamento tudo direitinho [...] participo tudo direitinho e me sinto bem, sabe? Eu me sinto bem (Entrevista 5).

[...] é um probleminha pra lá. Hoje, hoje eu me sinto uma pessoa fortalecida. Eu tenho [...] problema de esquizofrenia, (depois que começou no teatro) aquilo foi se superando (Entrevista 6).

Tá melhorando cada dia mais né. Bom eu tenho um tumor na cabeça que não pode ser operado e tenho uns “tremor”; dou umas crise meia pesada de nervo [...] então eu tô me mantendo no teatro pra me manter viva, porque eu já tentei vários suicídio [...] Eu joguei minha vida no teatro então minha vida é no teatro, por enquanto durar (Entrevista 9).

Após anos de exclusão e desconhecimento sobre sua própria condição de saúde, os participantes dessa proposta terapêutica passam a descobrir novas possibilidades de vida, compreendendo que não estão limitados à sua. Esse pensamento de limitação ocorre pelo estigma da saúde mental, que se enraíza no sujeito de maneira tão forte que o impede de enxergar quem ele é e o que pode fazer, tanto no seu papel na família quanto na coletividade<sup>14</sup>.

A arte abre caminhos para o desenvolvimento emocional e social<sup>15</sup>. O envolvimento no processo criativo do teatro permite que a pessoa transcenda do imaginário para a realidade. Os sentidos tornam-se aguçados, permitindo a produção de um novo conhecimento sobre si. Ao serem estimulados a perceberem quem são além do transtorno mental, atingem uma nova etapa de reconhecimento do seu problema e notam as transformações ocorridas após o teatro.

Por sua capacidade de aliar criação, ludicidade, expressão e autoconhecimento, o teatro permite aos seus participantes uma emancipação sobre o seu próprio corpo e sobre seu problema de saúde mental. O protagonismo na terapêutica, portanto, passa para os próprios usuários, tornando-os capazes de fazer escolhas para o seu tratamento.

A arteterapia atua como forma de ressignificação dos acontecimentos experimentados pelos sujeitos com um transtorno mental<sup>16</sup>. Estando em um espaço protegido e livre de preconceitos, o sujeito encontra, por meio da manifestação artística proposta, materiais para expressar o que já viveu, porém com um novo sentido, transformando aquilo que o afetou negativamente em um evento de superação.

Ainda nesta categoria, os entrevistados demonstraram reconhecer a efetividade terapêutica no teatro, visualizando o tratamento medicamentoso, o qual seguem realizando após aderirem a essa proposta terapêutica:

[...] eu tomava dois tipos de remédio e hoje eu só tomo um. Depois que eu tô no grupo mesmo eu tô tomando só um. Então eu acho que melhorou, eu acho que funcionou mesmo como uma terapia (Entrevista 3).

Me sinto feliz na terapia [...] olhe uma “das terapia” que me ajuda muito é o teatro. Eu depois de entrar no grupo eu vejo melhor (meu problema de saúde mental) [...] eu tomo quatro tipo de remédio [...] eu quero que melhore mais, preciso que melhore mais (Entrevista 10).

Vejo que está cada dia mais ficando melhor, né? Me sentindo muito bem depois do que eu vinha passando. [...] Eu creio que se eu tivesse é continuado do jeito que eu “tava”, hoje eu estaria tomando vários “remédio” (Entrevista 11).

A arte atua no desenvolvimento emocional e como apoiadora na retomada das atividades cotidianas. Ao investigar a arteterapia do tratamento de idosos com depressão, constatou-se que aqueles que aderiram às oficinas artísticas em seus tratamentos apresentaram diminuição dos sintomas depressivos e ansiosos, com grande melhora na autoestima e nas relações interpessoais<sup>17</sup>. De fato, pessoas que tornaram-se adeptas da arte como dispositivo terapêutico apresentam melhora e redução dos seus sintomas.

O potencial terapêutico das atividades artísticas não se limita apenas à recuperação da saúde, mas vai adiante nas ações de promoção e prevenção. Ao aderir à arte no processo terapêutico, o sujeito a quem se dirige a terapia sente-se mais acolhido, pois tem suas particularidades respeitadas, conseguindo, assim, abrir-se para as propostas e expressar as forças que há muito guarda apenas para si diante de todo o histórico de marginalização<sup>18</sup>.

Pacientes advindos dos manicômios apresentam marcas deixadas por meio dos psicotrópicos utilizados de forma irracional para contenção química e de uma tentativa fracassada de “curar a loucura”. Muitos pacientes desconhecem a função terapêutica e os efeitos adversos<sup>19</sup> dos medicamentos de que fazem uso. Aliar os novos dispositivos terapêuticos ao tratamento, por exemplo o teatro, permite diminuir os efeitos causados pela dependência em psicotrópicos e sequelas deixadas pelos mesmos.

### Falar e agir livremente: as mudanças de vida após o teatro

A categoria apresentou homogeneidade nos discursos dos usuários sobre as mudanças ocorridas em sua vida após aderirem ao teatro como terapia. Muitos relataram terem se transformado em pessoas opostas ao que eram antes das oficinas.

Só o que eu tenho a dizer é que é tudo pra mim! Tá participando do teatro foi uma maravilha pra mim. Tô superbem depois que eu entrei no teatro. Eu sou outra pessoa, mas pra melhor. Entendeu? (Entrevista 8).

[...] hoje eu tomo conta da casa, eu cuido da minha mãe. O teatro me mudou muito, eu cresci, eu evoluí [...] eu era uma pessoa totalmente isolada, sabe? [...] pensava que nada ia prestar, nada ia mudar. Hoje, hoje eu acordei, né? [...] aprendi a amar a vida! (Entrevista 6).

[...] me aproximei mais do grupo, das pessoas, dos próprios usuários, passei a conhecer mais (Entrevista 3).

Mudei muito assim, fiquei mais feliz assim. Meu coração ficou mais feliz! (Entrevista 2).

A participação em oficinas artísticas permite aos usuários vislumbrar novas perspectivas de vida. O teatro envolve etapas construtivas em que é possível acessar novas experiências em cada uma delas. Trata-se de um processo constante de criatividade, e cada participante vive-o de forma particular, desenvolvendo suas próprias habilidades que irão repercutir em suas relações com o meio e na sua identidade social<sup>20</sup>.

O Caps é, para eles, um ambiente de livre-expressão; local de encontro entre o transtorno mental e a resiliência de transgredir a segregação. Dentre as propostas terapêuticas o usuário deve sentir-se livre para escolher aquilo que o atrai<sup>21</sup>. No entendimento de muitos usuários, o Caps configura-se como uma nova família, na qual seus membros compreendem e aceitam suas peculiaridades.

O sentimento de pertencimento a algum grupo terapêutico<sup>22</sup> é benéfico à pessoa com transtorno mental por oportunizar o compartilhamento das angústias e trabalhar a saúde mental em uma perspectiva não estigmatizada, promovendo saúde sem grandes aparatos tecnológicos e em um ambiente democrático, que transcende apenas o olhar clínico. Estar em um grupo em que os membros se sentem seguros para partilhar suas histórias, livre do julgamento de valor, propicia o desenvolvimento das habilidades de comunicação, fortalecimento de vínculos e construção de conhecimentos.

Nas falas dos participantes são perceptíveis as mudanças ocorridas em sua vida, sobretudo quando expressam a conquista da independência no retorno às atividades pelas quais tinham perdido o interesse ou que não lhes traziam mais prazer; na superação de medos e inseguranças; e, principalmente, no reconhecer que, por mais que possua um transtorno mental isto não os impede de ter uma vida e realizar ações como qualquer outro ser humano.

A toda pessoa é garantida a autonomia e a participação em todo e qualquer procedimento que venha a ser realizado consigo. Há uma complexidade por trás dos transtornos mentais, porém é preciso que, respeitando e observando as particularidades de cada caso, a pessoa participe do processo decisório do seu tratamento garantindo o melhor e que respeite a dignidade humana<sup>23</sup>. O desejo expresso de participação em alguma das atividades culturais fornecidas como terapias nos serviços substitutivos, é importante para que os benefícios da mesma sejam colhidos.

Dentre os pontos observados pelos participantes desta pesquisa, a superação da tristeza é evocada como consequência da participação no teatro e suas oficinas adjacentes.

[...] eu sei que vivia triste, chorando [...] depois que eu entrei aqui melhorei muito, *num* falava com ninguém [...] eu aprendi, com o teatro e com o Caps (Entrevista 1).

[...] eu ficava até assim triste, calado assim, *num* pensava na vida, só pensando besteira. Não fazia nada. (com o teatro) Aí eu fiquei muito feliz, meu coração ficou mais feliz (Entrevista 2).

[...] antes do teatro, né; antes de existir Caps, eu era assim muito depressiva, só vivia chorando, até suicídio eu cheguei a tentar antes, né; eu vejo o teatro hoje como assim uma melhoria de vida (Entrevista 8).

A adesão à arteterapia apresenta melhora nos sentimentos negativos, como a tristeza e a ideia suicida. Há também relação entre arte e os efeitos causados pelo transtorno de ansiedade<sup>24</sup>. Na medida em que as atividades ocorrem, o usuário desenvolve habilidades cognitivas, e muitos apresentaram-se mais comunicativos, alegres e confiantes.

Durante as entrevistas foi possível analisar, empiricamente, a satisfação dos usuários em serem membros de seus grupos teatrais. Aqueles com mais anos de terapêutica relataram o retorno da alegria muito relacionada ao vínculo entre os participantes, com os profissionais responsáveis e com o envolvimento e reconhecimento do público.

Nise da Silveira<sup>25</sup> conseguiu observar, nas obras idealizadas por seus pacientes, as emoções transbordando do interior de seus inconscientes para as telas. Aqueles que não esboçavam habilidades de comunicação interpessoal colocaram em suas criações os sentimentos aprisionados, dando, assim, voz aos silenciados. Um ambiente rico de expressividade, a arteterapia lança-se em busca de transformar tristezas e incertezas em um desejo de ser melhor e buscar aquilo que traz felicidade.

Concomitante às mudanças de comportamento, os usuários relataram os avanços nas interações sociais por intermédio da superação da timidez:

Eu gosto de participar do teatro porque eu vejo assim como uma terapia, sabe? [...] tirou um pouco da timidez que eu sempre fui [...] Na hora da apresentação eu me sinto segura; às vezes antes de entrar eu sinto um friozinho na barriga, mas isso aí é uma coisa que faz parte, né? Mas, depois tudo passa e aí eu acabo achando bom (Entrevista 5).

O teatro é de grande importância, porque no teatro eu pude me revelar à timidez, eu era uma pessoa muito tímida, muito coitadinha [...] Hoje tenho força, e essa força fez eu sentir hoje e tá podendo falar isso [...] O grupo me fortalece (Entrevista 6).

[...] eu era muito tímida, graças a Deus saiu um pouco da minha timidez [...] Graças a Deus ajudou muito; eu acho que no falar, falar em decorar uma peça e pra um público ir falar (Entrevista 7).

Por mais que o nervosismo de subir ao palco ainda exista, a experiência do espetáculo é libertadora para as pessoas que revelaram sofrer com a timidez por muitos anos. Durante as entrevistas o fator timidez não foi percebido, pois todos demonstraram segurança e dinamicidade durante as conversas, o que demonstra o desenvolvimento dos usuários dentro das oficinas.

Os exercícios praticados antes dos ensaios, como alongamentos e práticas de respiração, fazem com que os participantes se reconectem com seus corpos, elevando as formas de comunicação. Em estudo sobre os benefícios do teatro<sup>26</sup>, segundo participantes, esse é encarado como via de superação da timidez e meio para desenvolvimento e/ou reconstrução da autoconfiança, da autoestima e da identidade.

Em outro estudo o teatro representou uma estratégia de educação em saúde em sala de espera, com práticas de promoção à saúde na atenção básica. Por utilizar uma linguagem e situações cotidianas próximas da realidade dos usuários do serviço, o teatro é um instrumento potente que envolve equipe de saúde e usuários<sup>27</sup>.

Interagindo com a plateia e, além disso, realizando atividades extramuros do Caps, a pessoa com transtorno mental retoma o seu espaço na sociedade, dessa vez com voz própria para garantir os seus direitos<sup>28</sup>. Até mesmo a comunicação estabelecida entre o olhar do ator e o espectador é capaz de atingir significados expressivos, pois o olhar que admira encoraja e dá forças para fazer sua liberdade ecoar.

Ninguém nasce tímido. Esse, como tantos outros sentimentos, tem sua origem no julgamento precipitado, na exclusão de quem aparenta ser diferente e, muito relacionado à saúde mental, no estigma negativo ao qual nossa sociedade está, historicamente, fundamentada.

Por esse motivo, é necessário que o ambiente das oficinas seja terapêutico, isto é, ser fundamentado como um espaço democrático, livre de prejulgamentos e passível de estabelecer conexões entre seus membros. Todos devem ter seu direito de expressão garantido para que, juntos, possam compartilhar seus anseios, vivências, sonhos e conquistas<sup>29</sup>.

Os achados desta pesquisa apresentaram-se como significativos para a aplicação terapêutica do teatro. Considera-se, entretanto, como limitação, a falta de uma revisão integrativa da bibliografia em um número expressivo de bases de dados, assim como um baixo referencial teórico encontrado sobre o teatro aplicado à saúde, tornando a discussão dos achados mais referente à arteterapia do que ao próprio teatro. Essa limitação evidencia a importância de novos estudos que abordem o teatro como dispositivo terapêutico em saúde mental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção dos usuários que aderiram ao teatro em seus tratamentos reflete que a proposta desponta como instrumento inovador no desenvolvimento cognitivo, no redescobrimto das potencialidades individuais, nas relações interpessoais, na inclusão social e como um meio educativo. Identificou-se, nas falas dos participantes, mudanças sobre a percepção do diagnóstico em saúde mental, melhora nos sentimentos negativos e superação da timidez.

O objeto deste estudo ainda é pouco visto na literatura nacional, dificultando encontrar materiais científicos atualizados. Esta pesquisa, todavia, promoveu o aprofundamento e a aproximação com as obras existentes sobre a aplicabilidade da arte nos projetos terapêuticos em saúde mental, além de abrir uma oportunidade para contribuir com novos conhecimentos neste campo.

## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> Amarante P. Saúde mental e atenção psicossocial. 4. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2021.
- <sup>2</sup> Amarante P, Torre EHG. “De volta à cidade, sr. cidadão!” – reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. *Rev adm pública*. 2018;52(6):1090-1107. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-761220170130>
- <sup>3</sup> Amarante PDC. Autobiografia de um movimento: quatro décadas de Reforma Psiquiátrica no Brasil (1976-2016). Rio de Janeiro: Capes; 2020.
- <sup>4</sup> Castro IPG, Silva MTN. Reforma psiquiátrica promovida pela Lei 10.216/01 e o direito das pessoas com transtornos mentais. *Revista Eletrônica de Direito do Centro Universitário Newton Paiva*. 2020 [citado 30 maio 2023];1(40):53-69. Disponível em: <http://revistas.newtonpaiva.br/redcunp/wp-content/uploads/2020/07/DIR40-03.pdf>
- <sup>5</sup> Almeida JMC. Política de saúde mental no Brasil: o que está em jogo nas mudanças em curso. *Cad saúde pública*. 2019;35(11):e00129519. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00129519>
- <sup>6</sup> Amarante P, Nunes M O. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciênc saúde coletiva*. 2018;23(6):2067-2074. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018>
- <sup>7</sup> Amarante P, Torre EHG. Saúde mental, loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da reforma psiquiátrica e do campo da saúde mental no Brasil. *Interface comun. saúde educ*. 2017;21(63):763-774. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0881>
- <sup>8</sup> Silva GH, Viana DS, Souza JR. A Arte como instrumento do inconsciente: imagens que revelam o sujeito. *Revista Interdisciplinar de cultura e imagem*. 2022 [citado 15 maio 2023];12(32):8-21. Disponível em: [https://www.jackbran.com.br/lumen\\_et\\_virtus/numero\\_32/PDF/A%20ARTE%20COMO%20INSTRUMENTO%20DO%20INCONSCIENTE.pdf](https://www.jackbran.com.br/lumen_et_virtus/numero_32/PDF/A%20ARTE%20COMO%20INSTRUMENTO%20DO%20INCONSCIENTE.pdf)
- <sup>9</sup> Pavis P. Dicionário do teatro. 3. ed. São Paulo: Perspectiva; 2005.
- <sup>10</sup> Amorim V, Lima MLC. Práticas teatrais na saúde mental: novas possibilidades de cuidado por meio do Teatro do Oprimido. *Revista saúde em redes*. 2021;7(3):1-13. DOI: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2021v7n3p285-297>
- <sup>11</sup> Moura DL. Pesquisa qualitativa: um guia prático para pesquisadores iniciantes. Curitiba: CRV; 2021.
- <sup>12</sup> Klamt LM, Santos VS. O uso do software IRAMUTEQ na análise de conteúdo – estudo comparativo entre os trabalhos de conclusão de curso do ProfEPT e os referenciais do programa. *Research, society and development*. 2021;10(4):1-15. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.13786>
- <sup>13</sup> Brasil. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União*; 12 dez 2012.
- <sup>14</sup> Francisco DJ, Lins CA. Jogos, afetos e potências: novidades aparecidas no teatro do oprimido na saúde mental. *Contrapontos*. 2020;20(2):466-485. DOI: <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v20n2.p466-485>
- <sup>15</sup> Braz PR, Alves MS, Larivoir COP. Significando a arte como recurso terapêutico no cotidiano de usuários de um Centro de Atenção. *Brazilian Journal of Health Review*. 2020;3(5):15623-15640. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n5-335>
- <sup>16</sup> Guerreiro C, Meine IR, Vestena LT, Silveira LA, Silva MP, Guazina FMN. A arte no contexto de promoção à saúde mental no Brasil. *Research, Society and Development*. 2022;11(4):1-12. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.22106>
- <sup>17</sup> Silva KA, Dallecrode VCF, Galdino KCS, Sá LO, Lemos, ACM. Effectiveness of Art Therapy as a complementary treatment of depression in the elderly. *Research, Society and Development*. 2021;10(7):e14010716411. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16411>
- <sup>18</sup> Vale CS, Ribeiro AKCM, Silva NS, Lago RR, Lago SS. Arteterapia como estratégia de cuidado em saúde mental no âmbito da atenção primária: um relato de experiência. *J Manag Prim Health Care*. 2021;13:e014. DOI: <https://doi.org/10.14295/jmphc.v13.1162>
- <sup>19</sup> Agostinho Neto J, Leite LH, Rocha PGL. Uso de psicofármacos e práticas corporais para a saúde em um grupo terapêutico. *Sanare*. 2018;16(2):42-50. DOI: <https://doi.org/10.36925/sanare.v16i2.1177>
- <sup>20</sup> Melo M AK, Sampaio JCC. Criatividade em sala de aula: as aulas de teatro como processo criativo. *Cena*. 2020;1(31):117-129. DOI: <https://doi.org/10.22456/2236-3254.95357>
- <sup>21</sup> Dionisio GH, Yasui S. Oficinas expressivas, estética e invenção. In Amarante P, Nocam F. *Saúde mental e arte: prática, saberes e debates*. 2. ed. São Paulo: Zagodani; 2019. p 224.
- <sup>22</sup> Brunozi NA, Souza SS, Sampaio CR, Oliveira Maier SR de, Silva LCVG, Sudré GA. Therapeutic group in mental health: intervention in the family health strategy. *Rev Gaúcha Enferm*. 2019;40:e20190008. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2019.20190008>

- <sup>23</sup> Mendonça SM. Dignidade e autonomia do paciente com transtornos mentais. *Rev Bioét.* 2019;27(1):46-52. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019271285>
- <sup>24</sup> Jardim VCFS, Vasconcelos EMR, Vasconcelos CMR, Alves FAP, Rocha KAA, Medeiros GMS. Contribuições da arteterapia para promoção da saúde e qualidade de vida da pessoa idosa. *Rev bras geriatr gerontol.* 2020;23(4):e200173. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200173>
- <sup>25</sup> Cruz LVM. Por que manicômios devem ser combatidos com arte? Dignidade re-vista [Internet]. 2018 [citado 14 jun 2023];3(6):59-68. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/dignidaderevista/article/view/747>
- <sup>26</sup> Teruel TM. O teatro e os benefícios para um desenvolvimento positivo: um estudo com adolescentes valencianos. *Sisyphus.* 2018;6(2):181-205. DOI: <https://doi.org/10.25749/sis.13579>
- <sup>27</sup> Reisdorfer N, Araújo GM, Nardino LJ, Stoffel D, Begnini D. Teatro em sala de espera: estratégia de educação em saúde para falar sobre o HIV. *Revista contexto & saúde.* 2017;17(33):186-192. DOI: <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2017.33.186-192>
- <sup>28</sup> Correia PR, Torrenté MON. Efeitos terapêuticos da produção artística para a reabilitação psicossocial de pessoas com transtornos mentais: uma revisão sistemática da literatura. *Cad. saúde col.* 2016;24(4):487-495. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201600040211>
- <sup>29</sup> Magaldi F. *Mania de liberdade: Nise da Silveira e a humanização da saúde mental no Brasil.* Rio de Janeiro: Fiocruz; 2020.

Submetido em: 6/8/2023

Aceito em: 3/1/2025

Publicado em: 23/6/2025

Contribuições dos autores	
<b>Lídia Stéfanie Dantas Silva:</b>	Conceituação, Curadoria de dados, Análise formal, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.
<b>Fernanda Eloyse Dutra de Souza:</b>	Análise formal, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.
<b>Paula Renata da Cunha:</b>	Análise formal, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.
<b>Dulcian Medeiros de Azevedo:</b>	Conceituação, Curadoria de dados, Análise formal, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.
<b>Todos os autores aprovaram a versão final do texto.</b>	
<b>Conflito de interesse:</b>	Não há conflito de interesse.
<b>Financiamento:</b>	Não possui financiamento.
<b>Autor correspondente:</b>	Dulcian Medeiros de Azevedo Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Uern Campus Caicó. Av. Rio Branco, nº 725 – Bairro Paraíba, Caicó/RN, Brasil. CEP: 59300-000 <a href="mailto:dulcianmedeiros@uern.br">dulcianmedeiros@uern.br</a>
<b>Editora:</b>	Dra. Eliane Roseli Winkelmann
<b>Editora chefe:</b>	Dra. Adriane Cristina Bernat Kolankiewicz

Este é um artigo de acesso aberto distribuído  
sob os termos da licença Creative Commons.

